



A cidade lacaniana



Sumário

Convite	2
Abertura: do ensino e da investigação.....	3
Extraterritorialidade, desencantamento e extimidade.....	3
O inconsciente é Baltimore ao amanhecer	4
O pós-humano e a nova ordem ecológica.	5
A cidade lacaniana não é humanitária	6
O fim da análise.....	8
A escrita no fim, a escrita que é fim	9
Litoral.....	11

Convite

Em nossos dias, homens, brancos e no poder, desmontam instituições para apagar qualquer resquício de igualdade social; fazem-nos acreditar que devemos pensar o país como uma família que não deve gastar mais do que ganha enquanto extremistas justificam sua violência com o genoma ou a bíblia em punho. Do ridículo destas figuras e de seus movimentos, porém, não podemos mais, desde Trump, simplesmente rir. Quando a expressão "direitos humanos" passa a ser usada como injúria, como evitar o sentimento de estarmos à beira do desastre, no fim dos tempos, pelo menos dos tempos ordenados pelos ideais humanitários?

O analista tem algo a dizer sobre o fim dos tempos? Não, mas sobre o que é o eclipse de uma história sim, pois muitas vezes acompanha alguém até o grau zero de sua existência para que dali se extraia o novo. Há uma clínica deste ponto extremo? Talvez possa ser delineada com base nos testemunhos daqueles que conduziram sua análise até às últimas consequências. No ponto em que, abandonados por todas as analogias e sentidos do céu e da terra, suas reinvenções de si quase invariavelmente passam por um recurso inédito à escrita. É este recurso que vamos investigar.

A escrita no trabalho do analista tem uma face evidente, a da analogia com uma experiência de leitura. Neste sentido, o analista (ou o analisante) lê o que está escrito no inconsciente. Em um segundo plano, o inconsciente pode ser tomado como o fato de que nosso alfabeto singular, as fixações libidinais que nos marcaram, soletram bem mais histórias do que a consciência é capaz de ler. O analista, então, "pontua", como dizemos, o que o inconsciente produz como releituras, ressignificações do texto da consciência. A analogia, aqui, aproxima a análise de um trabalho de *edição*. Há, porém, ainda toda uma dimensão da escrita que resta a ser explorada, seguindo a proposta de Lacan de sua teorização do *sinthoma* a partir da escrita. Quando abordamos a singularidade como *sinthoma* assumimos que ela seja aquela fração de vida que habita e perturba cada um de nossos dizeres, sem jamais neles se inscrever. Deste ponto de vista, o trabalho da análise não será o de decifrar, nem editar a singularidade, mas o de "colher", segundo Lacan, em uma rede de escrita.

O que será isso? Veremos, mas já sabemos que essa rede vai colher alguma coisa que estará sempre fora da história, na borda do mundo, como o barulho do cabelo em crescimento, ou da barriga digerindo o pão (como canta Arnaldo Antunes). Proponho, então, aos interessados a pretensão de reunir uma reflexão sobre a política do *sinthoma*, sobre seu fazer na borda do mundo subjetivo, inscrevendo o que não se escreve, com a exigência atual de encontrar os nomes do real de nossos dias tão apocalípticos.

Vamos?

Abertura: do ensino e da investigação

Bem-vindos,

Propus um seminário. Não é um curso porque não tem prazo para acabar. Não é preciso dinheiro, ou “investimento” como se diz nos cursos oferecidos por aí. Nem vocês pagam, nem eu ganho. É, também, sem diploma. Tudo isso pode parecer pequeno, mas faz diferença. Quando dou aula na universidade, sei que as pessoas estão ali porque querem, mas ao mesmo tempo, tem alguma coisa a mais que conta, digamos, a instituição, com tudo o que oferece em troca do “investimento”. No nosso caso, a mediação institucional entre nós é muito esvaziada. A EBP, a *Escola Brasileira de Psicanálise*, nos acolhe, mas vocês devem saber que o conceito de *Escola*, de Lacan, inclui a ideia de que a Escola acolhe o que fazem seus membros e lhe dá toda a repercussão, mas não garante o teor psicanalítico do que dizem, como uma universidade garante o que dizem seus professores. Foi o que levou à expressão que já virou marca, de que os membros podem propor um ensino, mas por sua “própria conta e risco”.¹

Então haverá, aqui, de minha parte alguma coisa que tenta ser ensino. Nos últimos anos estive envolvido com o ensino relacionado à minha própria análise e sua conclusão, por ter sido nomeado AE (Analista da Escola), agora, retomo o modo “seminário conta e risco” para tentar transmitir o que sigo extraindo de minha experiência como analista e como analisante, que sigo sendo por outras vias que não a de uma análise em curso nessa nossa formação continuada. Dessa experiência extraio algumas ideias que quero apresentar a vocês, mas pretendo me manter sempre no paradoxo da frase célebre de Lacan “o que a psicanálise nos ensina, como ensiná-lo?”².

Retomo em parte a proposta do ano passado de um curso que chamei “O Livro de Bolso do analista cidadão”³, mas nos moldes de um seminário.

Há também uma tentativa de investigação, coletiva, em que espero contar com vocês. Aqui vale a contraposição com o que chamamos na universidade, pesquisa. Nossa investigação não será exatamente uma pesquisa, porque ela não precisa produzir resultados palpáveis, nem precisa definir previamente seus objetivos. Lacan, quando abriu o Departamento de Psicanálise de Paris VIII, em Vincennes propôs que ali se buscasse não tanto investigar a que serviu uma análise, mas os saberes de que ela se serviu. Vamos explorar alguns temas e hipóteses dessa forma, insistindo na pergunta sobre quais os saberes de que se servem as análises para continuarem acontecendo?

Extraterritorialidade, desencantamento e extimidade

Vocês vêem que o psicanalista não pode se recusar a seu tempo, o que não significa que ela deva estar sempre *up-to-date*. Vale aqui o dito de Agambem, contemporâneo é quem tem um mínimo de recuo para poder estar no clima de sua época e não apenas imerso nela.⁴

Isso posto, esse lugar não está dado, aliás, terá que ser inventado a cada caso porque partiremos do pressuposto de que não existe mais atopia. Não há nada mais que fique de fora da grande feira contemporânea, como Lacan se refere a nossos dias em “Radiofonia”.

O psicanalista tende a se ver como exercendo sua prática em um lugar meio atópico, como Sócrates definiu o seu. Meio marginal às vezes, como o de um poeta marginal, ou do intelectual estrangeiro na cidade, aquele que está sempre em algum outro mundo, ou ainda um espaço *zen*, aquele de onde se assiste o mundo, dos domingos da vida. Lacan delimita este lugar como o da “extraterritorialidade” do analista na “Proposição de 09 de outubro de 1967, sobre o psicanalista da Escola Freudiana de Paris”.⁵

De qualquer dessas posições imagina-se que, para ser cidadão, é preciso *ir* à cidade. No entanto, partiremos do princípio de que a cidade é tudo, de que não há “fora”, não há mais espaço de exceção, onde as pessoas podiam estar, inclusive um psicanalista. Neste sentido, nenhum psicanalista *vai* à cidade. Nem todos os tempos, nem todas as culturas, nem todas as cidades foram como a nossa, entendendo a polis como um desenho de nossa sociedade. É uma mudança de entendimento com relação à *Proposição*, proposta por vários sociólogos e no nosso campo por Jacques Alain-Miller em seus cursos (2002-2003) “Um esforço de Poesia” e “O desencantamento da psicanálise”.⁶

Dito de outra forma, ninguém está fora das prateleiras da civilização, não existe lugar fora do mercado, a civilização é uma grande prateleira. Ainda de outro modo, não há mais sagrado, não há mais segredo, não há mais exceção.

Participante: A equivalência entre líquido e mercado, ou entre o fim do sagrado e o mercado não está muito rápida? É preciso definir o capitalismo, por exemplo com F. Jameson.

Concordo. Mercado, líquido e o fim do sagrado, essa equação precisa ser avaliada e demonstrada. Mas seguiremos a premissa do fim da atopia, como desencantamento, de Miller. A ideia de que estamos numa feira infinita, incluindo nela os índios e os esquimós, vai contra a ideia de um psicanalista zen, “herói da desidentificação” como diz Laurent em “O analista cidadão”.⁷

Seria uma cidade toda rua, esvaziada a oposição tão cara a R. Da Mata entre a casa e a rua. A discutir. Nossa premissa, porém, será essa. Para ela, além do diagnóstico de J. A. Miller, nos apoiamos na aproximação surpreendente feita por Lacan entre o inconsciente e a cidade em que estava quando de suas conferências em Yale, na célebre frase “o inconsciente é Baltimore ao amanhecer”, retomado por Éric Laurent com precisão.⁸

O inconsciente é Baltimore ao amanhecer

Quando preparava esta pequena fala para vocês, era cedo pela manhã. Podia ver Baltimore pela janela, e era um momento muito interessante porque ainda não era dia e um sinal luminoso me indicava a cada minuto a mudança do tempo; (...) tudo que podia ver, (...) era o resultado de pensamentos, (...) nos quais a função desempenhada pelos sujeitos não era completamente óbvia. Em qualquer caso, o dito *Dasein*, como definição do sujeito, se encontrava lá preferencialmente nesse espectador intermitente ou em desvanecimento. A melhor imagem para resumir o inconsciente é Baltimore, ao amanhecer.⁹

O inconsciente se apresenta na experiência freudiana, para começar, como um tropeço, um achado, um lapso, um detalhe de um sonho, um sintoma que fala. Quando esses achados vão se desdobrando e se precipitando em análise vamos navegando e mergulhando em toda uma rede, uma rede de significantes, como define Lacan no *Seminário 11*. A comparação com uma cidade nos faz pensar nessa rede até como tendo alguma ordem, mas também muita confusão e mais que tudo, como não tendo a ordenação de uma história linear. Em uma análise não estamos lidando com a história de *alguém*, o material que se apresenta não tem unidade o bastante. Para nós, o “alguém”, a pessoa, o eu, é apenas uma “formação de superfície”, nos termos de Freud, uma miragem de unidade nisso tudo. É dessa forma que o par analista-analisante mergulha na cidade do analisante.

Se seguimos essa analogia, fica mais difícil ainda dizer que há algo “fora”. Não há no inconsciente-Baltimore um espaço secreto, claro há vielas abandonadas, espaços esquecidos na cidade, mas não há uma área em si sagrada ou secreta, separada de tudo, os submundos e porões estão ali, não em outro lugar.

No mesmo sentido devemos entender a outra célebre formulação de Lacan no mesmo momento: “o inconsciente é a política”. Causa estranheza porque tendemos a dizer o contrário, que a política tem motivações inconscientes, que os políticos têm lá seu inconsciente. Veremos isso, espero, remeto vocês à M. H. Brousse para um comentário passo a passo dessa frase¹⁰, mas espero que vocês já percebam que a política aqui será um fazer na cidade tomada em analogia com a cidade inconsciente em uma análise: “vastas confusões e pensamentos imperfeitos”.

O que será esse fazer? Ele será pautado pelas indicações de Lacan sobre o *sinthoma* como o incurável, da vida, como veremos. Por isso, nosso subtítulo “A política do *sinthoma*”. Será preciso dar um lugar ao que não tem, ali mesmo no meio da feira, não em exterioridade *zen* com relação à ela, mas com posição de extimidade, termo inventado por Lacan para definir esse dentro que é fora.

Resumindo tudo isso, poderíamos dizer, então, que nossa política, como ação na cidade-rede-Baltimore-ao-amanhecer, será a do *sinthoma*, como intratável da vida, tomando-o em posição, não mais de extraterritorialidade, mas de *extimidade*.¹¹

O pós-humano e a nova ordem ecológica.

Essas são nossas premissas. Propus também, para o trabalho uma hipótese, um diagnóstico, o do *fim do mundo*. Nossa *polis* estaria vivendo dias de fim do mundo.

Vou tentar manter em pauta três eixos de investigação sobre o fim do mundo e vamos ficar navegando entre eles.

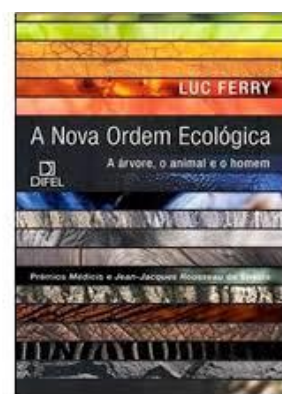
Um eixo seria o *político*. Essa sensação de fim do mundo na vida em sociedade que temos agora se articula com que políticas?

Podemos discordar da sensação de que mundo está se acabando. É uma proposta de leitura. Há muitos fins propostos desde o século vinte. O fim das grandes narrativas, o fim do romance, o fim da canção, o fim da representação, o fim da história. Espero que vocês estejam mais ou menos familiarizados com o que trazem estas ideias. Elas levam à ideia de que estamos no *pós*, dizendo de um modo geral, somos pós-humanos.

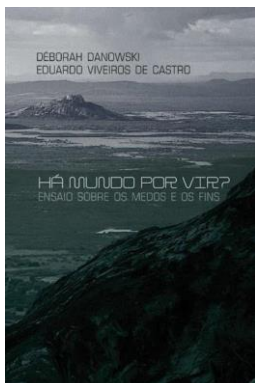
Vou propor assim para primeira discussão, o fim que nos toca mais de perto. Pensei num eixo do que poderia ser uma modulação do fim do humanismo. Vamos pensar o que é estar num fim pós-humano, pós-humanista.

Apesar de ser um tema conhecido e já antigo, ele se atualiza o tempo todo, nós somos ainda muito humanistas, e talvez essa ideia nos ajude a pensar.

O fim do humanismo se lê de um ponto de vista mais *soft*, por exemplo com Luc Ferry e mais *hard* com Viveiros de Castro. Enquanto um propõe que o humanismo dos séculos dezenove e vinte, que supunha um lugar de exceção para o homem esteja acabando, o outro propõe que a própria distinção entre o mundo e



o homem, a ideia de que haveria um mundo em frente de nós, que sustenta qualquer tipo de humanismo, esteja acabando.



As discussões sobre a ecologia e sustentabilidade, hoje, são discussões sem homem, sem homem como exceção, sem o humanismo como a diferença entre o mundo e o homem. Não há mais um mundo em que estejamos vivendo para habitar ou destruir. A referência, aqui, seria Bruno Latour, por exemplo em suas Gifford Lectures.¹²

A nova época seria a época do antropoceno, a época do homem na Terra, do ponto de vista da Terra! É uma escolha política. Em vez de nos reconhecermos como humanos, nos diríamos todos terranos, seres da terra, todas as plantas e árvores.

Isso parece distante? Experimentem abordar a bancada BBB: bala, bíblia, boi, sem isso. Vamos ter uma discussão infinita, na base dos “nós somos os bons e eles são os maus”. Os que pensam primeiro no coletivo e os que pensam primeiro no indivíduo. Quero introduzir um viés para ressituar a discussão a partir dos ecologistas.

A discussão tomada no plano da sustentabilidade mais do que da discussão entre direita e esquerda ou reacionário e revolucionário, descarta a ideia da exceção, do humano, que não faz sentido para quem está mergulhado no mundo do capital, a não ser de modo acessório. Então temos um pensamento que também “ignora” o homem sem, no entanto, se desenrolar na circulação incessante de bens. Uma política que não seja orientada pelo combustível fóssil e o lucro, mas por *Gaia*, a Terra como um organismo, e sua destruição pelo desequilíbrio que é raça humana.

Forçado? Vou tentar convencer vocês.

De modo análogo, quando formos discutir a corrupção e a Lava-Jato, não adianta ficar entre a corrupção e a santa honestidade, é preciso perguntar o que entendemos como verdade.

Na Lava-Jato faz-se um contrato “se você fizer uma delação e der em prisão, você ganha comutação de pena”, Cadê os valores sagrados de exceção para a verdade? Trata-se de funcionalidade, ninguém está querendo saber se quem faz a delação premiada está falando a verdade, mas apenas se o que ele diz vai realmente encarcerar alguém. Estamos no tempo da pós-verdade, a verdade se refaz, é só mudar o contrato que a verdade muda.

Proponho como referência *A Coragem da Verdade* de Michel Foucault, o último seminário que ele ministrou no *Collège de France*. Nele, Foucault encontra aquele que diz a verdade na cidade, o *parresíasta*. Na cidade da Grécia ele acaba de fora.

Participante: o sincericida

Sim. Então: Podemos ainda pensar a cidade como um lugar de exceção para os humanos? Podemos ainda pensar a verdade como uma categoria apenas humana?



A cidade lacaniana não é humanitária

A cidade lacaniana não é humanitária. Ela não lida com o homem como categoria, isso é forte, mas é claríssimo em Lacan que dizia que as ciências humanas são uma

contradição por não haver ciência humana. A ciência lida com fórmulas e não com pessoas. A psicanálise também não é humana no sentido em que ela não está preocupada com o humanitário em primeiro lugar, ela está preocupada como “o desumano do homem”. Nosso objeto não é aquilo que segue os ideais humanitários. Nesse sentido, a cidade psicanalítica “Baltimore” não é um lugar onde as coisas seriam voltadas para o bem-estar do homem. Lembrem-se da estranheza de Freud com a frase “amar o próximo como a ti mesmo”.

Há toda uma discussão que parte daqui a respeito dos direitos humanos. Não é porque o humanitário não está em primeiro plano para o analista que os direitos humanos não estarão. É porque não há psicanálise sem os direitos humanos assegurados. Sem um ambiente de direito à fala não há sessão de psicanálise e para que haja isso um bom número de direitos têm que estar garantidos (A luta atual de J. A. Miller na França, contra a eleição de Martine Le Pen vai nesse sentido).

Já o que caracteriza a bancada BBB é que nenhuma deles é humanista e por isso se dão o direito de repudiar os defensores dos direitos humanos. O protestante não é humanista? Ronaldo Caiado não é humanista, Bolsonaro não é humanista? Vamos ter que definir humanismo para dizer porque eles não são.

Vamos definir o humanismo como sustentando uma definição do homem como exceção, que ultrapassa as nossas definições. Esse é o nosso humanismo. Se dissermos que o humano é o indefinível, Bolsonaro não é humanista, porque ele define claramente o que é um verdadeiro homem.

Se trabalhamos com essas categorias, a princípio o homem é alguma coisa que está em processo, jogado no mundo sempre em busca de seu ser, por isso ele é uma exceção na natureza, isso se formos definir humanista assim. Nossa definição é a de *Carta sobre o Humanismo*, de Martin Heidegger. Ele vai definir o humanismo, como justamente o que só se define na situação o ser aí, *dasein*. É aliás um perigo para os lacanianos entenderem “sujeito” apenas como sinônimo deste “humano”.

Gabriel: o humanismo tem muitas definições.

Minha opção por Heidegger tem várias razões. Lacan flertou com essa definição até se separar dela, pois ela se aproxima muito de uma apreensão possível do inconsciente, mas flerta com o místico. De todo modo, ela fica claramente abandonada quando pensamos a ecologia. A definição do homem como o que não se define, não é que a de que ele estaria no topo da cadeia alimentar, nem a do “o homem como animal racional”. O debate Humanismo x Ecologia vai destacar, espero, a posição lacaniana de uma cidade não humana e ao mesmo tempo viva, seria uma *ecologia lacaniana* que possa vir para discussão.

Seria uma saída do capitalismo? Para o Outro do capitalismo tudo é possível. Você se revolta, ele não responde, apenas coloca tudo na ciranda dos bens, faz confusão, dissolve todos os valores, tudo fica líquido. Ele não responde, é *irresponsável*.

Veremos como Viveiros de Castro pensa que as novas gerações que estão lidando com gaia, estão lidando com um Outro que responde, que de repente “envia um terremoto e mata todo mundo”, nada a ver com o que se fez ou não fez, acontece. Parece uma coisa meio caprichosa aleatória, talvez devêssemos aproximar Gaia dos deuses da tragédia antiga ou mesmo do antigo testamento. Só ela não responde às nossas preces, apenas começa-se a lidar com alguma coisa que pode ser ou não ser e nossas vidas passam o poder ser ou não ser.

Quem é criado num ambiente onde a Terra está acabando, está lidando com outra maneira de viver no mundo de quem acha que a terra não vai acabar.

Participante: tem algumas críticas ao pessoal da ecologia profunda, baseada no mapeamento do inconsciente como cidade. Mapeamento cognitivo, a ideia deles é a dificuldade de reduzir uma coisa em áreas que caiba na cabeça do homem. É como se fizesse uma redução para a coisa ficar compatível com a nossa cabeça.

Nos dois casos, justamente não há homem, que medida do homem haveria nestes casos?

Gabriel: a ecologia aparece cada vez mais como um mapeamento possível. Tem todas as marcas de uma catástrofe. Na Revolução francesa, uma maneira dos escritores mapearem o que estava acontecendo foi chamar de catástrofe natural, avalanches, vulcões, essas eram as metáforas.

Estou com você no sentido que precisamos melhorar nossas definições, mas não quando você diz “à medida do homem”. A cidade analítica não é pensada à medida do homem, ela não cabe numa cabeça. A sessão lacaniana não cabe numa pessoa.

Precisamos perceber que não trabalhamos com a pessoa e isso não é fácil. Por isso Lacan nos propôs que “trabalhemos com o texto analisante”, vemos como isso nos abre à ideia de que uma pessoa tem determinações ao infinito. Seu texto é infinito. Se o fazemos caber na medida da pessoa, imaginar que está na cabeça da pessoa, teremos que incluir meus tataravôs, meus pais e as coisas que estão na minha própria conversa. Família, é uma rede de significantes que se estende e não sabemos aonde vai, o que fazemos é trabalhar num perímetro que a gente convencionou, mas é muito variável.

Cláudia: a categoria dos pós-humanos, dialoga com os humanos? Pensei nesse limite máximo da violência que enfrentamos no Rio de Janeiro. O que podemos pensar em termos de humanidade? Eu me interessaria muito em pensar esse limite máximo. Estamos lidando com o limite máximo da violência. Hoje os moradores do Morro do Alemão, vivem sitiados. Até os corpos dos mortos não podem sair. São cortados e queimados em pneus. Nesse limite podemos pensar em termos de humano? Temos uma clínica lá, estamos lá todos os dias e estamos sitiadas.

Terrível. Como reagir a isso? Como a gente se prepara para pensar isso? Como faremos para chegar nisso? O que queremos? O que podemos fazer sem perder a psicanálise? Por exemplo, se atendemos alguém que tem câncer, você não vai dizer “deixe o câncer para lá”, é preciso tratar o câncer. Vamos tentar ver até onde vai a psicanálise nisso, se é que ela pode ir.

Sabemos de toda uma discussão para pensar o horror dos campos de concentração, muita gente achava que não era para pensar, aquilo, não era para ser pensado, aquilo é alguma coisa que deve ser tratada assim, sem pensamento. Não se poderia pensar o pensamento dos nazistas, já seria trazê-los demais para o humano. Outros acham que devemos pensar o que houve.

Uma das coisas desse fim de mundo é isso, estamos na borda de alguma coisa, na beira do Alemão. Temos que falar disso. Falar disso, buscando a psicanálise.

O fim da análise

O fim da análise é o fim da transferência. Não poderia dizer o “fim do inconsciente”, pois uma análise não acaba com o inconsciente, nem com a narrativa de si, mas podemos dizer que ela tem em seu horizonte o fim da transferência. Na época de Lacan falava-se

muito em *liquidação* da transferência, ele não gostava desse termo porque afinal nada acaba totalmente. Colocou a questão, então: Como acaba? Porque acaba? E o que seria o pós-analítico? O pós-transferência?

Não é preciso esperar o final, pois há o fim de muitas coisas na análise. A transferência é uma espécie de relação – para ficar mais simples – em que você imagina que alguém tem seu segredo ou pelo menos que aquele espaço tem seu segredo, um segredo de seu mistério, de sua singularidade, sua humanidade mais essencial. Então uma análise pode ser dita como “a busca de um segredo, sagrado”. O fim da análise não é o encontro do segredo, é o fim do segredo. Onde estaria a solução do mistério só há uns restos essenciais que não são a chave de nada, apenas o que não dá para largar sem desaparecer.

O final da análise é quando o segredo que aquela transferência parecia encerrar parece secundário. Lacan fala dessa ideia de segredo que o analista guarda como *ágalma*. Dez estatuetas a venda na feira, três delas com uma pepita de ouro no interior as outras só uma pedrinha. Comprava-se a estátua sem abrir. Essa coisinha lá dentro é o ágalma, indefinido, cujo segredo no princípio, está do lado do analista, ao final, a gente pega na mão, vira só pedrinha, mas essencial.

Fantasia é o nome lacaniano para a dimensão da narrativa pessoal como estrutura básica, matriz da narrativa e ela tem um ponto de segredo que chamamos sujeito ou às vezes objeto. O fim da transferência é uma mutação na estrutura da fantasia que, tal como as estatuetas, vai se abrir. Isso seria o fim do sujeito? Em alguns momentos na análise, essa ideia de “tenho algo a saber” se eclipsa. Tem alguma coisa na análise que é também o pós-segredo.

O fim de uma análise é o fim do segredo numa análise, é o fim da narrativa de uma análise, mas não é nem o fim das narrativas de sei. Pensei em ler, para a próxima quinta, o testemunho do Oscar Ventura, que ouvimos em Inhotim, é o percurso de uma análise inteira, curto e exemplar.

Podemos debater esse passe do ponto de vista do fim. O que acaba? Muita coisa acaba na transferência, para que se possa em algum momento acabar a transferência.

Lembrem-se que Lacan disse que “o trabalho na transferência se transforma numa transferência de trabalho”. Lembro de dizer a meu analista falando: “estou aqui, no divã, ok, mas quero fazer outras coisas com você”. Estava mais querendo trabalhar com ele em outra posição, na Escola, mesmo e não por fuga. É uma maneira de ilustrar a passagem do trabalho da transferência para a transferência de trabalho. Esvaziado o que era o ágalma dele e do meu segredo, começo a querer fazer outras coisas com ele.

Até então era o contrário, é o mais comum. Nem queremos ver o analista a não ser ali, atrás da gente. Eu tinha vergonha de olhar para ele, é uma grande mudança você poder falar. Em alguns casos, resiste-se ao divã por não se querer mergulhar na transferência.

Resumindo os eixos que pensei trabalhar com relação ao fim do mundo: *política*, *transferência*, e o terceiro, caminho mais de investigação que é a função da escrita na clínica psicanalítica com relação ao fim. Fim da análise, mas também fim da escrita.

A escrita no fim, a escrita que é fim

Para começar temos que abandonar a preeminência do oral sobre o escrito. Não pensar a diferença entre a fala e a escrita como se escrita fosse apenas a transcrição da fala. A

concepção de que o oral seria o primário, o vivo e o escrito secundário, morto é afastada para que se comece uma psicanálise. A invenção da psicanálise é exatamente a ideia de que há escrita na fala, é ela que conta para o psicanalista.

Tomar a fala analisante como um texto não é apenas para que a gente não fique demais ligado nos sentidos. Ao abrir o livro dos chistes, Lacan destaca o primeiro, o *famillionário*. Rico trata você de uma maneira legal, mas é especialmente uma familiaridade de rico. Ele é um mendigo e diz que o milionário lhe tratou de uma maneira *famillionária*, são dois ricos porque ele está vendendo milhões, mesmo sendo mendigo, ao mesmo tempo é auto-irônico.

Não haveria isso tudo que Freud encontra nessa brincadeira se partíssemos da primariedade da fala. Se a gente diz que ele falou as duas coisas numa só é porque elas estão escritas ali, no jogo de fonemas articulados. Só que ele não falou duas coisas só falou uma. É porque já pensamos a fala como tendo traços distintivos dentro, sem sentido, que podem se reorganizar produzindo outro sentido que ouço os dois sentidos. Se pensar que a fala é uma coisa e a escrita é outra que a escrita é só a transcrição da fala vou fazer uma nova fala, eu vou dizer “ele me tratou de uma maneira muito familiar e milionária – desculpe, acabei falando as duas coisas”. É explicar a piada.

O escrito como transcrição do oral não nos serve. É o que Lacan chama em “Lituraterra” escrita como “precipitação dos significantes”, tomar a escrita como precipitação do significante não vai nos levar a lugar nenhum.

Já começamos com a escrita em outro plano, de que é uma propriedade da linguagem na qual estamos sempre lidando tanto com o oral quanto com o escrito, mesmo nas línguas não escritas. Esse tipo de concepção tem toda uma história, é compatível com a revolução estrutural, estruturalista, vamos encontrar Derrida, Barthes, muitos falando algo assim.

Trabalhamos, nesse sentido, procurando as escritas alternativas ao texto da consciência que é um regime empobrecido de leitura das fixações libidinais que compõem nosso alfabeto. Meu narcisismo me obriga, nos termos de Freud, a ser uma pessoa parecida comigo mesmo. Mas essas letras e marcas do inconsciente podem recompor as marcas da consciência, num trabalho de edição e de reescrita.

O analista trabalha, dessa forma, com o par consciência x inconsciente como uma máquina de escrever, da qual você não conhece todas as letras. A referência, aqui, é Derrida: “Freud e a cena da escrita”.

A máquina de escrever não é tão desencarnada, vou ler o célebre exemplo que está no livro dos chistes de Freud.

Dois judeus se encontram na plataforma de uma estação de trem na Galícia. Para onde você está indo? Um deles perguntou. Para a Cracóvia, foi a resposta. Como você é mentiroso! O outro respondeu. Se você diz que está indo para a Cracóvia, você quer que eu acredite que você está indo pra Lemberg. Mas eu tenho certeza que você está indo é para Cracóvia mesmo.

Como se vê, Cracóvia e Lemberg como conteúdos, as cidades em si, com suas lojas e charmes, não importa quase nada. É lidar com a linguagem sem o peso do sentido, ou ainda, é lidar com as duas cidades como significantes. A teoria do significante de Lacan é feita para isso. O que importa é a relação que elas estabelecem, a verdade que elas definem e não o que elas são em si. Ele não vai para Cracóvia, porque a ama, mas só para enganar o outro. Cracóvia é só um nome. É assim que a gente trabalha, não ficamos

pensando que a pessoa quer ir para Cracóvia porque é o sonho da vida dela. Podemos ter a impressão que a coisa vai ficar desencarnada, mas não.

Lembro da piada que é esse chiste em sua versão brasileira: dois mineirinhos se cruzam, um está na beira do rio com sua vara e anzol e o outro passa pedalando. O primeiro diz “pescando hein!”, e o outro: “andando de bicicleta hein!”.

O jogo significante, não apenas define quem é quem, quem faz o que, mas também traz uma presença que excede o jogo. No primeiro caso apareceu um judeu sem vergonha que quer mentir, enrolar o amigo. Essa presença não é um sentido definido, ela é um sentido que excede o sentido definido, é com isso que lidamos numa análise e chamamos isso de gozo. Tem o gozo do judeu que está mentindo, que se apresenta quando afastamos a ideia do “porque ele quer ir para Cracóvia”, assim como o gozo do mineirinho que está fiscalizando tudo, “tô de olho”, ou desse sujeito que nunca diz a que veio.

Vamos trabalhar com o teclado da máquina de escrever com o que circula ali como gozo. Lacan vai dizer que esse gozo é o objeto *a*. Encontro alguma coisa desse gozo, não como sentido, mas um excedente, ali, que se apresenta como resto do jogo dos significantes. Esse é outro plano da escrita na fala.

Significante, objeto, falta uma maneira da escrita se apresentar na fala e produzir coisas fora do sentido que, apesar disso, mudam uma vida. Esse terceiro registro vamos abordar a partir de dois quase conceitos presentes no ensino de Lacan. *Litoral* e *nó* são dois nomes de Lacan para esse outro registro da escrita.

Litoral

Numa análise significados são mobilizados, as pessoas pensam, sentem, acreditam, vivem sentidos, coisas, sentimentos. O analista lacaniano, porém, se situa mais no plano do significante. Ficar ligado no texto, mais do que no que este texto diz, faz dele menos astrólogo, pois ele faz aparecer efeitos de novidade a partir de coisas que não tem sentido em si, como Cracóvia e Lemberg. Ao longo da análise, porém, estas novidades vão se apresentar quase sempre no mesmo lugar. É assim que vamos encontrar nosso objeto *a*, como o dissimulado do amigo ou o esconde-jogo do mineirinho. Ele é uma inércia no campo textual, não é um fato semântico, é uma área que tem mais intensidade. Não é o “dissimulado” como sentido profundo do amigo judeu, mas sim o dissimulado que sempre encontro no vão do discurso referido a esse amigo e que me assombra com o sentimento de alguma dissimulação essencial.

Essa inversão vale para a cidade. A favela não é um lugar onde as pessoas são mais violentas, isso seria pensar a favela como um sentido: “como lá é violento, as pessoas são mais violentas, como lá é mais violento, as pessoas têm mais traumas”. Nada disso é garantido. Não o tomaremos como um lugar feito de violência, mas onde acontece a violência. Entendem a diferença? Assim se apresenta o objeto “*a*” na análise, fora do sentido, mas parasitando um campo de sentidos particular.

E por último, o último nível, é o mais difícil e que Lacan chamou de nó e também de litoral. Poderíamos dizer que é o nível da letra, mas na verdade ele usa a palavra letra para todos esses termos. Ele usa “letra” [*lettre*] para significante, objeto, litoral, e usa também para o nó. Essas referências foram abordadas no último encontro do ano passado. Vou enviar a transcrição.

O nó e o trabalho com o nó “muda o sentido da escrita”, no dizer de Lacan. O nó borromeano não parece relacionado à escrita. Vamos dizer que seja. É uma maneira de abordar o que acontece numa análise, a partir do que acontece numa escrita, só que em outra apresentação da escrita tal como no cotidiano. Idem para o litoral.

Dito rapidamente, a escrita é feita as vezes para amarrar coisas, sem sentido. Isso é a escrita do nó, escrita gambiarra, que faz bricolagens. Acho que a partir dessa escrita chegaremos a uma discussão política interessante. As referências de base serão:

O *Seminário 20* em que há toda uma interrogação de Lacan sobre a escrita, e ele situa a escrita como diferente da escrita que se norteia pelo sentido, diferente da escrita que se norteia pelos nomes próprios, significantes, diferentes do que se norteia pelo objeto, uma escrita que faz coisas.

O avesso da biopolítica, de Éric Laurent.

Uma nota de J. A. Miller, no final do *Seminário 23*, Chama “Nota passo-a-passo: Derrida e o nó”, é justamente fazendo um apanhado dessa discussão sobre escrita, com relação ao nó borromeano.

Para a próxima vez leiam o texto "A página em branco", de Karen Blixen pseudônimo Isak Dinesen, texto indicado por Miquel Bassols, muito bom para introduzir o tema da escrita no oral, assim como para apontar para essa dimensão do litoral. Não vamos ficar com a cidade dela, nossa cidade é muito mais caótica, mas o texto dela vai servir para trabalharmos: os dois primeiros níveis: significante e objeto.¹³

¹ “Os que vierem para esta Escola se comprometerão a cumprir uma tarefa sujeita a um controle interno e externo. É-lhes assegurado, em troca, que nada será poupado para que tudo o que eles fizerem de válido tenha a repercussão que merecer, e no lugar que convier”

(<http://www.wapol.org/pt/acercaamp/TemplateArticulo.asp?intTipoPagina=4&intPublicacion=8&intEdicion=1&intIdiomaPublicacion=1&intArticulo=152&intIdiomaArticulo=9>, acesso em 5/17)

² Lacan, Jacques. *A Psicanálise e seu ensino*. Escritos. Jorge Zahar Editor. p. 441.

³ Vieira, Marcus André. Curso livre do ICP-RJ “O livro de bolso do psicanalista cidadão” iniciado em 27/10/16, <https://www.facebook.com/groups/1889330681297337/>

⁴ Agamben, G. *O que é o contemporâneo? E outros ensaios*, Chapecó, SC: Argos, 2009, p. 58.

⁵ Lacan, Jacques. *Proposição de 09 de outubro de 1967, sobre o psicanalista da Escola Freudiana de Paris*. Escritos. Jorge Zahar Editor. p. 248.

⁶ Miller, J. -A. (2002-2003) Curso de Orientação lacaniana *Um esforço de poesia “Desencantamento da Psicanálise”*, Curso ministrado no âmbito do Departamento de psicanálise da Universidade de Paris VIII.

⁷ Talvez o destino do analista de amanhã seja o de uma tenda na feira ou na estação, quando não houver mais nada claramente sagrado. Sei que alguns integrantes do núcleo de pesquisa “Práticas da letra”, do ICP, junto com outros do Digaí, experimentou exatamente isso por impulso de Ana Lúcia Lutterbach-Holck.

⁸ Laurent, E. “Cidades analíticas”, *Cidades analíticas*, Buenos Aires, Tres Haches, 2004, pp. 198-218.

⁹ Lacan, J. O discurso de Baltimore, 1966 (<http://braungardt.trialectics.com/projects/psychoanalysis/lacans-life/lacans-baltimore-lecture-1966/>) acesso em 5/17).

¹⁰ Brousse, M. H.

¹¹ Cf. Miller, J. A. “A ex-sistência”, *Opção lacaniana* vol.33, São Paulo, 2002, pp. 8- 21.

¹² <http://www.giffordlectures.org/lectures/facing-gaia-new-enquiry-natural-religion>. Livros: *Laboratory Life* (1979). *The Pasteurization of France* (1984). *Science in Action* . 1987). *We Have Never Been Modern* (1991). *Aramis, or the Love of Technology* (1992). *Conversations on Science, Culture and Time* (1992). *The Berlin Key* (1993). *Politics of Nature* (1999). *Pandora's Hope* (1999). *Rejoicing: Or the Torments of Religious Speech* (2002). *Iconoclasm Beyond the Image Wars in Science, Religion and Art* (2002). *The Making of Law* (2002). *Making Things Public* (2005). *Reassembling the Social* (2005). *On the Modern Cult of the Factish Gods* (2009). *Coping With the Past* (2010). *The Prince and the Wolf* (2011). *An Inquiry Into Modes of Existence* (2013).

¹³ Na discussão que se sucedeu na página do seminário no Facebook, as seguintes indicações bibliográficas foram sugeridas:

Arantes, P. *O novo tempo do mundo*, São Paulo, Boitempo, 2014 (por Gabriel Tupinambá)

Kopenawa, D. Albert, B. *A queda do céu*, São Paulo, Companhia das Letras, 2015 (por Flavia Cêra).

FLusser, V. *Há futuro para a escrita?* Rio de Janeiro, Anablumme, 2012.